

## REVISITANDO UM LIVRO DIDÁTICO EM HISTÓRIA COM A REFLEXÃO PARA INTEGRAR CONHECIMENTOS

### *REVISITING A DIDACTICAL BOOK IN HISTORY WITH A REFLECTION TO INTEGRATE KNOWLEDGE*

**Rogério Duarte Fernandes dos Passos**

#### **RESUMO**

Objetivamos revisar livro didático de História que intenciona, de forma integrada, alocar em volume único todos os conteúdos desse componente curricular em um único volume, culminando com breve reflexão acerca do permanente desafio de professores em atribuir significado ao estudo da disciplina inserido em um mundo portador da sensação de permanente movimento.

#### **ABSTRACT**

*We aim to revisit History textbook that intends, in an integrated way, to allocate all the contents of this curricular component in a single volume, culminating with a brief reflection on the permanent challenge of teachers in attributing meaning to the study of the discipline inserted in a world with the sensation of permanent movement.*

**Palavras-chave:** Revisita a livro de História. Ensino de história no ensino médio. Dinamização de conceitos estudados. Reflexão para o ensino médio.

**Keywords:** *Revisiting a History textbook. Teaching history in high school. Streamlining studied concepts. Reflection for high school.*

#### **SOBRE OS AUTORES**

Com a colaboração de Marcos Vinícius de Moraes e Anderson Roberti dos Reis, João Paulo Mesquita Hidalgo Ferreira e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, graduados em História pela Universidade Estadual de Campinas, neste livro “Nova História Integrada” – em volume único para o ensino médio –, objetivam proporcionar uma análise integrada da disciplina, em particular com conceitos outrora tidos como consolidados, buscando suprir o sentido que no momento presente se requer enquanto sustentáculo da realidade que se vê, e no que é mais importante, que se estuda no livro didático.

#### **SOBRE A OBRA**

Nesta primeira edição de 2005, da Editora Companhia da Escola, de Campinas, “Nova História Integrada” esteve no catálogo do Plano Nacional do Livro Didático do Ensino Médio do Ministério da Educação do Brasil (MEC), e em um volume único, intenciona responder aos ditames do estudo de História de toda a Base Nacional Curricular Comum do país, o documento de referência do MEC que objetiva garantir os conteúdos mínimos de aprendizado nas diferentes disciplinas em seu nível de estudo.

Dito isso, a obra traz o tradicional projeto gráfico com as ilustrações de eventos e circunstâncias históricas, em uma iconografia que transita entre as artes e o registro fotográfico característico do

jornalismo que começa a se produzir e referenciar na qualidade de fonte imagética a partir do Século XX de nossa era. Por conseguinte, advém a leitura que a História também se reporta a uma trajetória individual dos historiadores, que se afasta de uma perspectiva neutra, em especial na busca de uma compreensão que, relendo alguns conceitos, por exemplo, contempla a transformação da habitual conceituação da Pré-História, estabelecida no marco de 4000 a.C. ou 3500 a.C., onde foi caracterizada tradicionalmente como um período que antecede a escrita, mas, que é, igualmente, espaço de tempo dotado de uma existência e historicidade (Ferreira; Fernandes, 2005, p. 9 e p. 13).

Essa releitura caminha, inclusive – ao lado de aprimoramento de conceitos revisitados –, no sentido de um novo olhar historiográfico e valorativo do período da Idade Média (476-1453), em que o pedagogo alemão Christoph Keller (1638-1707) – “Cellarius”, na forma latinizada –, o redator dos manuais “História Antiga” (1685), “História da Idade Média” (1688) e “História Nova” (1696), em que no segundo, aduz nada haver de significativo na época, sendo ela, então, um retrocesso, naquilo que se cunhou, da mesma forma, como “Idade das Trevas” (Ferreira; Fernandes, 2005, p. 99). Nesse esteio, alicerçando a visão dos autores, paralelamente e além do que se construiu no período medieval no campo da poesia, literatura, arquitetura e criação de universidades, se tem na Filosofia a escola escolástica – entre os Séculos IX e XIII – com São Tomás de Aquino – o “Tommaso d’Aquino” (1225-1274) – se balizando no pensamento de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) para a conciliação de fé e razão, e, por conseguinte, com o inglês Roger Bacon (1220-1292), objetivando uma função pragmática e utilitária para a ciência, a ponto de desenvolver lentes corretivas para a visão (Ferreira; Fernandes, 2005, p. 99).

Não apenas na novel observação de fatos, mas a obra também objetiva enfrentar o desafio de melhor conceber os estudos sobre os impérios ou reinos africanos, superando os tradicionais conceitos de “império”, “reino”, “Estado” e “cidade” vigentes na historiografia europeia e ocidental – em particular a partir das experiências do Império Romano, Império Bizantino e cidades-Estados gregas –, visto ser a realidade cultural da África portadora de lógica distinta – e, entre si, muito diversa –, em que a “aldeia” configura-se como primeira unidade básica, em abordagem que intenta mais adequadamente transpor ao conhecimento a trajetória de Impérios como os do Mali e Gana (Ferreira; Fernandes, 2005, p. 149). E como nos esclarecem as palavras dos próprios autores,

No caso do Continente Africano, esses conceitos não cabem, pois as realidades políticas, sociais e culturais são bastante diferentes. Assim, quando usamos os termos “Império do Mali” ou “Reinos da Núbia” não queremos dizer que eles têm a mesma forma de outros Impérios, nem tampouco estamos reivindicando a condição de “igualdade política” com o Continente Europeu (FERREIRA; FERNANDES, 2005, p. 149).

Feitas algumas ponderações acerca desta obra – notável contribuição para o estudo da História no ensino médio, buscada na edificação de um único volume –, nos cabe breve reflexão acerca do premente desafio de atribuição de sentidos ao estudo desse componente curricular em um mundo que parece transitar em constante mutação.

Em um contexto econômico e educacional em que se objetiva um caráter pragmático e utilitário para todas as ações humanas, com a “diktat” das ciências duras em relação às demais, não raro alunas e alunos indagam sobre um sentido – e, mesmo, uma orientação – para o estudo da História, em que o

presente jornalístico e instantâneo impõe ao indivíduo em distintas circunstâncias uma presença imediata e efêmera.

É possível, porém, retratar que mesmo o momento presente é fruto de desenvolvimentos construídos no bojo dos processos humanos, que renovando-se constantemente, são oriundos de decisões tomadas com vistas a propósitos e objetivos. Se nesse sentido a História não é neutra, não deixa de ser narrativa, literatura, filosofia e memória, sobretudo, por mirar a experiência humana com vista ao melhor, ou àquilo que se assemelha ao razoável, em especial face aos momentos de provas e expiações que se repetem em nossa civilização, não raro, por falta de acuro na observação e retenção do aprendizado documentado e empírico.

O desafio de insistir na atribuição de sentido à História como elemento educativo e ferramenta de compreensão humana, pois, continua.

## **REFERÊNCIA**

FERREIRA, João Paulo Mesquita Hidalgo; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. Com a colaboração de Marcos Vinícius de Moraes e Anderson Roberti dos Reis. **Nova História Integrada**. Campinas: Companhia da Escola, 1ª ed., 2005, 577 p.